

O DISCURSO MORALISTA E AS MULHERES

Clarisse Ismério*

O presente artigo é parte integrante da dissertação de mestrado de título: "A Mulher na República Velha: o Imaginário e a Realidade no Rio Grande do Sul", e analisaremos três aspectos no decorrer do texto. Primeiramente trabalharemos com a hipótese do achatamento cultural feminino ocorrido no Rio Grande do Sul, resultante da imposição da doutrina positivista que veio ao encontro da mentalidade conservadora presente na educação da mulher. Em um segundo momento resgataremos o posicionamento feminino frente aos símbolos e signos impostos pela moral. Pois o Positivismo, aliado à mentalidade construída ao longo do tempo pela sociedade patriarcal e mantida pela Igreja católica e por outros grupos conservadores existentes, construiu um discurso que visava tirar a mulher do mercado de trabalho, e ao mesmo tempo valorizar a mão-de-obra masculina.

Uma terceira hipótese é sobre a entrada de uma nova mentalidade, também importada, que a partir da Primeira Guerra Mundial, passou a ser difundida em proporções maiores e se contrapôs à moral e a imagem da mulher difundidas pelos conservadores. A nova mentalidade trazia a tona uma extrapolação da sexualidade, através do modelo da melindrosa, símbolo da mulher fútil e narcisista, e posteriormente da garçone, símbolo andrógino. Que também teve uma aceitação bastante significativa na sociedade, pois a sociedade não era homogênea frente a questão conservadora, mas sim heterogênea nem todos aceitavam de maneira passiva o conservadorismo positivista. Um exemplo desta postura contra

* Professora Mestra em História – PUCRS.

a Ditadura Científica foi a Revolução de 1893, onde o grupo federalista e o republicano lutaram pelo poder local.

O Positivismo foi criado por Auguste Comte e durante o período de instauração da República e segundo os positivistas, ele veio organizar a sociedade frente ao caos resultante de muitos anos de um regime monárquico. Difundida em discursos simbólicos, a doutrina de Comte, moldou posturas de conduta feminina que deveriam ser seguidas pelas mulheres de todos os segmentos sociais. E por um lado enalteciam os modelos de *rainha do lar e anjo tutelar*, inspirados no símbolo de Clotilde de Vaux, sua musa, e, por outro lado, estabeleciam o oposto, de Caroline Massin, ex-prostituta e ex-mulher de Comte, representação da mulher leviana e sem moral. As idéias comteanas baseavam-se em arquétipos femininos herdados de uma mentalidade conservadora cunhada sob a influência da tradição judaico-cristã que transformavam a figura da Virgem Maria, o modelo de todas as virtudes, e na de Eva, o de todos os pecados.

A simbologia utilizada, do discurso comteano, em relação a educação da mulher, fora criada com base nestes arquétipos universais e veio ao encontro dos anseios conservadores da época, que legitimavam a permanência da mulher no espaço privado, produzindo um achatamento cultural e profissional.

Esta hipótese é pertinente na medida que comparamos a produção intelectual da mulher na República Velha com a do período antecede e durante a Revolução Farroupilha e dos anos anteriores a instauração da Ditadura Científica.

A Revolução Farroupilha (1835-45) foi um dos movimentos Liberais que abalaram o Império do Brasil. Foi um longo período de lutas e desequilíbrio social, que contribuíram para a emancipação da mulher, pois na ausência do homem teve que usar sua criatividade para lutar pela sobrevivência e sustento da família. E segundo Hilda Flores foi uma grande escola através da qual a mulher conseguiu desbravar os caminhos para sua independência e auto-realização.¹

A autora mostra a que este quadro beneficiou também a produção intelectual feminina, iniciada antes do período farroupilha, salientando nomes de mulheres que se destacaram em âmbito nacional através de

1 FLORES, Hilda A Hübner. *Sociedade: Preconceitos e Conquistas*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989, p. 19.

suas obras numa época que grande parte do Brasil era composta por analfabetos.

A pioneira foi Maria Clemência da Silveira Sampaio, natural de Rio Grande, que escreveu *Versos Heróicos*, 1823, homenageando a proclamação da independência do Brasil, colocando-a em destaque entre os chamados "poetas da independência". Os versos deixam transparecer, segundo Hilda Flores, o caráter social e a tentativa de engajar à Província Sulina ao território nacional.²

Outra que podemos destacar foi Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1804-1841), escritora, professora e jornalista da década de 1830. Com a morte de seu marido criou uma escola mista na rua Santa Catarina (Dr. Flores), num período que o normal era ter escolas para meninos. Foi a primeira mulher a fazer jornalismo tendo o seu próprio jornal *Belona irada contra os sectários de Momo*, que circulou durante a Revolução Farroupilha, pois era engajada na política nacional.

Não podemos esquecer de Ana Eurídice Eufrosina da Fonseca de Barandas autora de *O Ramallete*, crônicas, versos e poesias que analisam os efeitos da guerra na sociedade rio-grandense.³

Podemos citar ainda outras mulheres intelectuais como Rita Barém de Mello (1840-1868), Amália Figueroa (1845-78) e Luciana de Abreu (1847-80) que deram continuidade a produção intelectual feminina no período posterior a Revolução Farroupilha.

Destas salientamos Luciana de Abreu, participante ativa da Sociedade do Partenon Literário, fundado em 18 de junho de 1868, em pleno desenrolar da guerra do Paraguai. No Partenon Literário realizavam-se conferências, publicavam a revista com artigos dos sócios, criou escola gratuitas para livres e escravos, e em 1880 iniciou a campanha abolicionista.⁴

Luciana de Abreu apresentou no 6º Sarau do Partenon Literário, uma palestra sobre a educação da mulher sobre o título de *A Educação das Mães de Família*, publicada em 1873. E segundo Maria Motta, neste mesmo ano Luciana discursou sobre o direito do voto conquistado pelas mulheres americanas e inglesas, e sobre a emancipação da mulher em 1875.⁵

2 FLORES. Idem, P. 69.

3 Idem, p. 89.

4 FLORES, Moacyr. *Sociedades Culturais*. In. FLORES, Hilda. Porto Alegre: *História e Cultura*. Martins Livreiro, 1987, p. 66.

5 MOTTA, Maria. *Luciana de Abreu*. In. FLORES, Hilda. Op. cit. p. 74.

Podemos citar ainda as a importância das professoras, que junto com esse seletto grupo de pensadoras contribuíram de maneira grandiosa para educação e cultura do Rio Grande do Sul.

Ao ser instaurada a moral positivista e resgatada a mentalidade conservadora, a mulher voltou a ser encerrada na sua casa, tornando cada vez mais impróprio sua participação na política e na sociedade.

Essa interferência, além de prejudicar o potencial profissional feminino, causou um grande dano ao desenvolvimento intelectual, pois a produção cultural da mulher, durante a República Velha foi bastante ínfima. Seus trabalhos meramente reproduziam o discurso imposto pelos homens.

Mas existiram mulheres que se diferenciaram das demais e como exemplo podemos citar a professora e intelectual política Anna Aurora do Amaral Lisboa, cuja vida e obra foi também estudada por Hilda Flores.

Anna Aurora (1860-1951) era natural de Rio Pardo, cidade que foi palco de grande parte de sua vida. Formou-se professora na Escola Normal, em Porto Alegre, no ano de 1881. Profissão que se dedicou durante toda sua vida. Ao deixar o magistério público, devido a divergências com o governo castilhistas, fundou com suas irmãs o Colégio Amaral Lisboa. Escreveu poesias, artigos e peças de teatro: *A culpa dos Pais, Festinhas e Teatro*.⁶

A oposição à Júlio de Castilhos ocorreu devido aos infortúnios que sua família passou durante a Revolução Federalista, com a prisão de seus irmãos, que mais tarde culminaram em uma carta anônima que atentava sobre sua moral, e criticando-a por ser partidária de Gumercindo Saraiva. O autor da carta era o Major Antero Adolfo da Fontoura.

A carta estava repleta de acusações que expressam a mentalidade conservadora, tanto na crítica do seu envolvimento com a política, como na de salientar quem não tem pai, ou marido que a protegesse por ser solteira. Anna perdeu o pai em 1884, desde então passou a ajudar no sustento da casa, vindo a assumir por inteiro, em 1891, quando sua mãe faleceu.

A resposta à desonra sofrida ocorreu em 24 de maio de 1884, quando foi à casa comercial do Major e o desafiou com um revólver. A professora sofreu um processo por seu ato, sendo que somente foi

6 FLORES, Hilda A. Hübner. Anna Aurora do Amaral Lisboa. Educadora e Política. In: *Vidas e Costumes*. Porto Alegre: Nova Dimensão, CIPEL, 1994, p. 143 a 140..

despronunciada após publicar nas páginas do jornal *O Patriota* o relato de tudo que havia ocorrido. A publicação foi feita com o objetivo de sensibilizar a opinião pública.

Encontramos artigos da professora Anna Aurora publicados nos almanaques da época, em um desses intitulado *Educação da Mulher*, reivindicando que a sociedade aceitasse uma profissão para a mulher que passava necessidade e que não precisasse depender do sustento pelo homem.

"Dai, pois, a vossa filha uma instrução sólida, habilitai-as, preparai-as convenientemente para que elas possam, em caso de necessidade, encarar com ânimo resolutivo as vicissitudes da vida, contando com suas próprias forças e dispensando o amparo e proteção."⁷

Mas deixa claro que não pretende com isso a igualdade entre os sexos e muito menos exigir os mesmos direitos civis e políticos. Pois, uma vez que foi vítima do preconceito social, sabia que não poderia mudar de uma hora para outra uma mentalidade conservadora.

Após a pressão política que sofreu resolveu aceitar, de certa forma, a posição secundária imposta ao seu sexo, preferindo mudar a tática do seu discurso do que calar-se. No período positivista, Anna foi a única mulher a posicionar-se politicamente e reivindicar a profissão feminina, outras mulheres intelectuais legitimavam os valores positivistas em seus contos, novelas, artigos e poesias.

Dorothy Dix escreveu para o jornal *A Federação*, dando conselhos às donas de casa de como tratar o marido. Tais como de não sobrecarregá-lo com as queixas do dia-a-dia, alimentá-lo, incentivá-lo no trabalho e estar sempre pronta para atendê-lo e ouvi-lo. Ou seja, não poderia nunca esquecer os seus deveres de *rainha do lar* e *anjo tutelar*, e somente assim poderia ser uma musa inspiradora. Mesmo que para isso tenha que se sacrificar e anular-se.⁸

O discurso de que a mulher é uma educadora por natureza, também era assimilado e difundido pelas intelectuais, que consideravam que realmente a tarefa de ensinar era sua grande missão, pois não bastava apenas ter filhos e criá-los, deveriam educá-los para a vida e para a pátria.

7 LISBOA, Anna A. do Amaral. *Educação da Mulher*. Pelotas: Almanaque Popular Brasileiro, 1899, p. 108 e 109.

8 DIX, Dorothy. Como uma Mulher Deve Ajudar o Marido. Porto Alegre: *A Federação*, 1919, p. 7.

Se o seu dever fosse bem executado receberiam em troca a satisfação e o reconhecimento.

A profissão de educadora deu destaque à mulher nesse período, pois era o único campo que poderia trabalhar e exercer sua intelectualidade. A crescente procura das mulheres pelo magistério foi registrada por João Abbott no Relatório da Diretoria Geral, e afirmava que este fato se explicava por ser restrito o campo de atuação feminino.⁹

Segundo Flores, a única historiadora positivista foi Stela Dantas de Gusmão (1876-?), que em 1911 publicou para ser usado nas escolas públicas do estado o livro de título *História do Rio Grande do Sul*. Abordava o anti-clericalismo expresso no estudo da influência dos jesuítas sobre os índios, que são acusados de praticar suplícios cruéis e temores supersticiosos para fundarem o Império Guaranítico. Flores salienta que o texto é ingênuo e sem fundamentação.¹⁰

A partir do final do século XIX, o movimento feminista baseado em um discurso de confronto com o homem, estava crescendo na Europa, mas não era aceito pela totalidade das mulheres rio-grandenses, que fazia sobre este assunto pesadas críticas, afirmavam que o movimento era formado por mulheres insatisfeitas que não compreendiam seus verdadeiros papéis.

A mulher rio-grandense, no limiar da Primeira Guerra Mundial, aceitava o seu papel de submissa ao homem, justificando que sua mais nobre missão, mais desejável e mais bela era constituir família e exercer sua influência como *anjo tutelar*, pois não via vantagem em deixar de ser um bibelô ou ainda de descer do seu trono de guardiã da moral da família, para concorrer com o homem.

"O nossos caprichos, as nossas fantasias, os nossos coquetismos, a nossa graça feita de fragilidade e delicadezas não nos predispõem para tais destinos. As feministas intransigentes são muitas vezes aquelas que não compreenderam, ou foram mal sucedidas na sua vida de mulher. (...)

Mas por favor, não desçamos do nosso pedestal se quisermos guardar um pouco do nosso prestígio. O ideal da mulher não deve ser de chegar a ser uma mulher de músculo, não se parecendo de todo com o ente querido por sua fraqueza e fragilidade."¹¹

9 ABBOTT, João. *Relatório da Diretoria Geral da Instrução Pública*. Tipografia da Federação, 1894, p. 10.

10 FLORES, Moacyr. *Historiografia*. Nova Dimensão, 1989, p. 39.

11 M. S. *O Feminismo Deve ser Moderado*. Porto Alegre: Kodak, 1914, p. 4.

O que se percebe no discurso é uma constante reafirmação dos símbolos positivistas. A mulher acomodou-se no seu espaço doméstico e briga para não deixar de ser *rainha do lar* e *anjo tutelar*, porque sua condição sexo frágil e submisso lhe dava prestígio. As exigências e desejos que porventura tivesse eram conquistadas através da chantagem emocional, usando como artifícios delíquios, choros intensos, bater os pés como criança, etc. Estes atos demonstravam cada vez mais que não era racional e muito menos responsável e por isso, deveria sempre estar sob a tutela do homem. Mas constatamos que através dessas atitudes consideradas imaturas a mulher exercia um certo poder em relação ao sexo oposto, que se sensibilizava com a chantagem emocional e realizava todos os seus desejos. Existia uma certa comodidade feminina frente a mentalidade que a considerava um ser inferior, o importante era ter os seus pequenos desejos saciados, mesmo que para isso devesse ocupar um papel secundário.

"De resto a mulher que tem como seu representante legítimo o marido e deve conhecer nele a faculdade de cuidar dos direitos de ambos, mesmo quando o marido seja o mais imbecil dos homens e ela dotada de grande superioridade de espírito. Por outro lado, a experiência, demonstra quanto pode uma mulher inteligente e ambiciosa no ânimo das pessoas que estão sob seu domínio, fazendo suave pressão sutil e tenaz eficazíssima, insinuando suas idéias para que frutifiquem no espírito do outrem."¹²

Ao aceitar o papel secundário a mulher legitimava os dogmas da moral conservadora imposta. O que se tomou comum e dito em provérbio popular que "atrás de um homem sempre existe uma grande mulher".

Quanto a participação política através do voto, a própria mulher considerava que a casada não deveria votar, pois o marido a representava e com isso estaria evitando conflitos domésticos. Mas no entanto a mulher que fosse solteira e trabalhasse para prover seu sustento deveria ter esse direito, justificando que esta não tinha as alegrias de um casamento feliz e muito menos da maternidade, o que lhe restava somente era a participação política e profissional. Portanto a mulher emancipada era tida como uma solteirona insatisfeita, que buscava em seu trabalho e escritos os sonhos perdidos de ter um dia um príncipe encantado.¹³

12 F.C. *O Voto Feminino*. Porto Alegre: Kodak, 1914, p. 7.

13 *Idem*, p. 6.

Com isso a intelectualidade feminina restringiu-se a poemas adocicados de adolescente, suspirando pelo primeiro amor, evidenciando uma acomodação diante de sua condição social.

Aracy Dantas de Gusmão, poetisa destacada no período tornou-se famosa por seus versos amorosos e cálidos, sendo que em seu primeiro livro *Êxtase* publica entre outros os seguintes poemas: Único Amor, Asas, O Pinheiro, Reflexões, Saudade Alma Submissa e Fim de Batalha. Deste último destacamos os seguintes versos:

"- Basta! eu caio a teus pés, humilde e convencida
De que és e serás sempre meu único amor...
Cruzo as armas, feliz em me saber vencida,
Sem ódio e sem revolta, isenta de rancor..."¹⁴

Na mesma linha segue Marietta Costa, que além de poesias de amor e natureza, exalta as santas destacando o caráter da pureza de espírito e alma e Júlia Cavalcanti, que morreu em 1890 com dezoito anos, deixando vários poemas utilizando os mesmos temas.

Além da poesia, as mulheres se dedicavam à música e à pintura, aprendidas nas escolas, com objetivo de se apresentarem em saraus e "salões positivistas". Essa formação iniciava na infância.

Em termos de musicistas muitas se destacaram e citamos como exemplo Ilse Woebecke, pianista, que segundo Costa, era conhecida nas principais capitais brasileiras. Era filha de Gustavo Woebecke, comerciante de Porto Alegre. E a violinista Olga Fossat, professora do Conservatório de Música de Porto Alegre.¹⁵

Costa ressalta ainda vários nomes de cantoras líricas rio-grandenses conhecidas na Europa. São elas: Amália Iracema e sua irmã Heddy Iracema, Zola Amaro e Olintha Braga.¹⁶ Que iniciavam suas carreiras cantando nos saraus.

O sarau, encontro social herdado do período colonial que chega até a República Velha (1889-1930), era um espaço alternativo, onde além de se reunirem para dançar, ouviam palestras e poesias, assistiam apresentações de pequenas peças de teatro, como também em muitos casos eram expostos trabalhos manuais confeccionados pelas organizadoras.

14 GUSMÃO, Aracy Dantas de. *Fim de Batalha*. Porto Alegre: Almanaque do Globo, 1914, p. 91.

15 COSTA, Alfredo R. da. *O Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p. 131 e 249.

16 Idem, p. 131.

Era uma oportunidade das jovens casadoiras mostrar seus dotes e com isso conquistar algum jovem de futuro promissor. Também organizavam bailes promovidos por clubes femininos, como o Clube das Violetas, no qual as moças tiravam os seus pares para a dançar e também o clube das sensitivas.

A Violeta é o símbolo da modéstia e da timidez, pois a flor se oculta entre as folhas. Mas no caso desse clube de jovens a timidez foi posta de lado, pois eram elas que tiravam os rapazes para dançar. Essa atitude demonstra que as haviam jovens nesse período que faziam questão tomar a frente na escolha dos parceiros de dança. Portanto, o símbolo escolhido para representar o clube mascara a verdadeira atitude, questionando a moral conservadora.

As Sensitivas são as flores que se fecham ao serem tocadas, numa tentativa de preservar sua essência reprodutora. É símbolo da preservação da sexualidade. E o clube que adotou esse símbolo enquadrava-se dentro da moral conservadora. Os dois exemplos de clubes femininos são exemplos da existência de uma sociedade heterogênea devido ao tipo de comportamento e atitude de cada um.

Os "salões positivistas", realizados no templo da Humanidade e em clubes, eram sempre presididos pela mulher, dando assim um caráter mais íntimo e familiar, pois sendo a guardiã da moral e sua grande divulgadora, tinha nestas reuniões o seu lugar de destaque.¹⁷

A escritora Júlia Lopes de Almeida, segundo Rosa Maria de Araújo, uma das primeiras mulheres consagradas no meio literário e jornalístico do Rio de Janeiro,¹⁸ participou de saraus e festividades em sua visita a Porto Alegre no decorrer do mês de maio de 1918, amplamente divulgados pelo jornal *A Federação*. No teatro São Pedro realizou conferências intitulada "A Mulher e a Arte" e "A Moda" recomendadas ao belo sexo.¹⁹ Foi homenageada na Faculdade de Direito de Porto Alegre, na ocasião da formatura de uma de suas turmas.

Para as atividades sociais era preciso que a mulher estivesse sempre apresentável e de acordo com a moda, pois para os conservadores ela era um bibelô. Sendo assim eram grandes os cuidados com o corpo que pode ser constatado através dos anúncios de produtos de beleza. Os mais variados cosméticos anunciados prometiam verdadeiros milagres, ape-

17 COMTE, Augusto. *Influência Feminina do Positivismo*. Rio de Janeiro, 1945, p. 25.

18 ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A Vocaçãõ Do Prazer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 68.

19 *A FEDERAÇÃO*. Porto Alegre, 8 e 14 de maio de 1918, p. 3.

lando sempre para a vaidade da mulher elegante, como podemos constatar no anúncio de um creme para os seios.

"As senhoras e senhoritas
Que chic sempre estão,
Que usam rendas e fitas
Vestidos de babadão

Aconselhamos, deveras,
Como sendo coisa rara
Para a beleza dos seios
Usar só o Creme Yára."²⁰

A mulher de seios grandes e a cintura fina era o modelo de beleza da época, e para isso usavam o "velho" espartilho para seguir as exigências da moda.

Para os conservadores o enfeitar-se a mulher valorizava seus instintos de sedução tornando-se mais sujeita à leviandade, e ao despertar o desejo seria levada por ele. A grande preocupação com a estética do corpo fez com que os positivistas investissem cada vez mais em torná-la assexuada, pois tais cuidados tornavam-se nocivos a ordem social, na medida que em favor do corpo perfeito, a mulher se recusava a procriar. Ou ainda para manter os seios firmes muitas mães deixavam de amamentar seus filhos. As senhoras das classes mais abastadas contratavam amas de leite ou ainda usavam a mamadeira com farinhas especiais, como a Farinha Láctea, que serviam de complemento alimentar.

A propaganda ao mesmo tempo que divulgava os produtos para o embelezamento feminino, difundia também o uso dos produtos criados para auxiliar na amamentação e livrar a mulher desta "incômoda" função. Os conservadores consideravam que esse tipo de propaganda dava mais ênfase à futilidade feminina.

Segundo Margareth Rago, a partir de meados do século XIX, o discurso médico sanitário, defendido nas teses de doutoramento nas Faculdades do Rio de Janeiro e da Bahia, propunha a valorização da mulher como guardiã do lar, reagindo contra a amamentação mercenária e o abandono infantil resultante do desejo egoísta e narcisista de manter o corpo belo, de conservar a estética e pelo medo de perder o marido.²¹

²⁰ A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 28 de maio de 1917, p. 7.

²¹ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 75.

A mesma preocupação ocorreu no Rio Grande do Sul, tanto pelos positivistas como pelos médicos, esforçavam-se em difundir os modelos de *rainha do lar* e *anjo tutelar*, em seus discursos.

O doutor Moncorvo Filho preocupado com o descaso com a amamentação e cuidados que as mães deveriam ter com seus bebês, escreveu no seu Dispensário *O ABC das Mães*, com o objetivo de orientar as mulheres de como manter a saúde das crianças. E em caso de uso de mamadeiras, as mulheres deveriam ter a preocupação de escolher a de vidro e nunca bicos de cor cinza, indicava ainda cuidados que deveriam ter para manter a higiene dos utensílios. Determinava a idade mais apropriada para dar o primeiro mingau, as doenças infantis mais comuns e o risco de medicamentos administrados sem a indicação do médico. Os

ALMANACH DE PELOTAS 1919

GALACTOGENEO



A salvação das mães, que querem amamentar seus filhos e não tem leite, consiste em usar o excelente remédio para tor leite.

*** GALACTOGENEO ***

Dr. Bruno Chaves, que tem bons resultados da mesma. Aumentando a produção do leite e melhorando muito sua qualidade, rapidamente levanta as forças das mães e das crianças.

Como ótimo reparador de forças que o, também se usa com vantagem nos casos de palidez, falta de crescimento, palpitações devidas a anemia, fraqueza, convalescenças, etc.

A venda em todas as drogarías e pharmacias

Deposito Geral: Drogeria Eduardo C. Sequeira

— PELOTAS —

1. Mãe
amamentando

conselhos foram publicados no *Almanaque de Pelotas* para que chegassem a um grande número de leitoras.

O tema da amamentação também aparece na propaganda circulante, ressaltando a nobre função das mães. Para os Positivistas a perda deste contato inicial da mãe com o bebê, prejudicaria a relação afetiva e alteraria o desenvolvimento físico e psicológico da criança. Dar o peito ao filho era o dever da boa mãe, que através do seu gesto estaria garantindo a saúde de seu filho e uma geração futura mais forte.

O Galactogêneo, um tônico para fortalecer o leite da mulher, trazia como signo em sua propaganda a mãe com uma criança ao colo amamentando. A representação lembra o signo da Humanidade, ou seja Clotilde com a criança ao colo.

Sendo a *rainha do lar* e o *anjo tutelar* os grandes modelos a ser seguido, toda a propaganda da época girava em torno deles, os anúncios dos mais variados eram dirigidos à dona de casa, à mãe e a esposa, e em muitos casos destacavam suas qualidades. Os reclames de produtos de produtos de limpeza, como sabão e desinfetantes, mostravam a mulher em seus afazeres tradicionais, tais como lavar roupa, varrer e limpar a casa.

Um anúncio comum da época era o do remédio Saúde da Mulher, indicados para os incômodos de senhoras, e foi, segundo *O MALHO*, o primeiro anúncio luminoso do Brasil, sendo instalado em cima de um edifício na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, pela empresa de propaganda de José Lira.

A propaganda mostrava uma mulher varrendo os aparelhos ginecológicos usados no controle das infecções, destacando que estes já estavam ultrapassados, pois existia o remédio altamente eficaz para todos os problemas femininos. As donas de casa poderiam então cumprir com maior disposição seus afazeres, livres dos incômodos de seu sexo. O mesmo reclame foi publicado nos almanaques rio-grandenses.

Nas máquinas de costura também aparecem o modelo de *rainha do lar*, pois a mulher aprendia a técnica do corte e da costura para confeccionar seus enxovais e estas atividades eram estimuladas até nas escolas, onde eram preparadas para serem esposas, mães e educadoras dos filhos.

Percebesse que a propaganda girava em torno dos modelos consagrados pela moral conservadora, mas em decorrência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e do advento do cinema norte-americano na década

de 20, ocorreu uma mudança de valores na sociedade. Tais mudanças também são percebidas através da literatura e da dança.

Durante a Primeira Guerra as mulheres saíram do casulo doméstico e foram trabalhar nas indústrias, a partir de 1915 na Inglaterra, França e Alemanha devido a escassez de mão-de-obra e os baixos salários masculinos. Substituíram os homens nas indústrias de material bélico, atuavam como eletricitistas, encanadoras e em empreiteiras. Trabalhavam em cargos governamentais, em transportes, como o metrô de Paris, os ônibus de Londres, executavam reparos nos navios e trabalhavam nos estaleiros da marinha alemã. As inglesas ingressaram também nas Forças Armadas e na polícia.²² O trabalho feminino passou a ser necessário para a sociedade.

Para adaptar ao novo estilo de atividade a mulher passou a usar roupas mais práticas, foram abandonados os corpetes e usavam tocas mantendo o cabelo preso, para não os prender nas engrenagens das máquinas.

As mudanças produzidas no vestuário influenciaram a produção da indústria da moda que em 1919 passou a investir no novo tipo de mulher. A saia ampla foi substituída pela linha "barril", os vestidos não marcavam mais cintura e os quadris que passaram a ser escondidos entre os tecidos. O busto grande não estava mais em voga e sim o pequeno, sendo assim o espartilho foi trocado pelo "achatador" que tinha como função esconder os seios.²³

A moda europeia reflete a uma nova mulher com as novas posturas e funções adquiridas durante um período onde o homem teve que se afastar do seu trabalho para lutar. No Rio Grande do Sul a moda ditada pela França da *Belle Époque* é substituída pela moda do pós-guerra, pois os modelos são copiados pela mulher rio-grandense.

O Rio Grande do Sul passou a ser governado desde 1898 por Borges de Medeiros, sucessor direto de Castilhos. Em 1907, Borges lançou como seu candidato Carlos Barbosa Gonçalves e contou com o apoio dos estudantes do Bloco Castilhista. Durante o governo de Carlos Barbosa, Borges chefiou o PRR, retomando o governo em 1913, ficando no poder até 1928, a suas reeleições ocorreram graças à fraude eleitoral.

22 BLACK, Loise. *As Mulheres e a Guerra*.

23 LAVER, James. *A Roupas e a Moda*. 2ª reimpressão, São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 230.

Com a Primeira Guerra Mundial, as importações foram restringidas e o setor pecuarista do estado teve um aumento de produção, para satisfazer as necessidades do mercado nacional, em contra partida a venda do café havia caído e como este era o principal produto de exportação brasileira, gerou uma grande crise aos estados cafeicultores, que passaram a produzir arroz, feijão e charque concorrendo com os produtores do sul.²⁴ A crise interna sofrida pelos produtores e pecuaristas resultara, segundo Flores, num descontentamento com o governo positivista e em 1921 os opositores ao governo de Borges, apoiam a candidatura de Joaquim Francisco Assis Brasil, mas mais uma vez em 1922, houve fraude dando vitória a Borges. Assis Brasil pediu uma nova contagem de votos e foi nomeada pelo próprio Borges uma Comissão de Constituição de Poderes, formada por Getúlio Vargas, Ariosto Pinto e José Vasconcelos Pinto, que após se reunir a portas fechadas recontaram os votos e deram vitória a Borges.²⁵ Legitimando mais uma vez a grande farsa eleitoral existente no governo positivista.

Em reação a este sistema a oposição pegou em armas em 1923, liderados por Assis Brasil e vários chefes militares, o objetivo maior era que o governo federal, na pessoa do presidente Artur Bernardes intervisse, mas não tinha força suficiente para lutar contra a Brigada Militar de Borges de Medeiros. Mas em 7 de novembro de 1923, foi assinada a paz em Pedras Altas, tendo como condição principal que Borges de Medeiros não concorresse mais ao cargo de presidente do estado, deveria indicar um candidato neutro.²⁶ Indica em 1927 Getúlio Vargas.

O descontentamento gerado contra o governo positivista, era resultante dos problemas econômicos e políticos, iniciados com a conflagração mundial e com as seguidas reeleições de Borges. A corrupção que tanto os positivistas criticavam e combatiam do Brasil Império estava presente nas eleições da República Positivista. A doutrina positivista começava a se desgastar frente à nova mentalidade liberal que começava entrar, encontrando um campo bastante fértil para se instalar.

A concepção de mulher guardiã da moral começava a ser questionada frente às novas formas de comportamento mundial. Em 1922 as livrarias do Globo e Selbach empregavam mulheres na seção de carto-

24 FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 4. ed., Porto Alegre: Nova Dimensão, 1993, p. 155.

25 Idem, p. 57.

26 Idem, p. 157.

nagem e encardenação. Suas roupas e cabelos seguem a nova tendência da moda, cabelos curtos e saias oito centímetros abaixo do joelho.

O cinema norte-americano encarregou-se de difundir a nova mentalidade e imagem de mulher liberal. Em seus filmes o herói não era mais o nobre, mas sim o capitão da indústria, sempre envolvido em negócios, mas com tempo para o esporte. A heroína é uma mulher independente. As atrizes aparecem com os cabelos curtos, antes usados somente pelas meretrizes. Os vestidos sobem até a altura dos joelhos. Inicia-se a época das melindrosas, mulheres vaidosas, narcisistas e egoístas. A imagem é vendida pelas atrizes nas reportagens de revistas e pelo comportamento que tinham em lugares públicos.

A propaganda passou a expor o modelo inspirado no cinema, que ao mesmo tempo vinham ao encontro da vaidade e sexualidade feminina, combatidas pelos conservadores. Mas que ao mesmo tempo, era por eles impulsionada, pois na medida que afirmavam que a mulher era um ser frágil, irracional e desprotegido, edificavam o coquetismo feminino.



Um reclame que caracteriza bem esta mudança era o do perfume Narciso, que mostrava a melindrosa com toda sua futilidade, egoísmo e excentricidade.

O próprio nome do perfume já era sugestivo, porque Narciso, segundo a mitologia clássica, era um jovem caçador, de grande beleza, orgulhoso e egoísta. Certo dia quando foi beber água de um rio, viu sua imagem refletida. Ao ver tamanha formosura apaixonou-se loucamente por si mesmo. A estranha paixão foi um castigo dos deuses para puni-lo de seu orgulho inflexível e o seu coração empedernido. De tanto olhar seu reflexo consumido por seus sentimentos, Narciso morre e no seu leito de morte nasce uma flor amarela e branca que recebeu seu nome.²⁷

O arquétipo de Narciso personifica o modelo de egoísmo e futilidade feminina reforçado pela indústria cinematográfica, que o traz como símbolo de mulher emancipada e liberada. A liberação da mulher do espaço privado passa a ser tudo aquilo que os positivistas temiam. Pois o símbolo em questão não era mais o de Clotilde, mas sim o de Caroline.



3a – Anúncio da Loreal

27 MEUNIER, Mário. *NOVA MITOLOGIA CLÁSSICA. A Legenda Dourada*. 2. ed., São Paulo: IBRASA, 1976, p. 61.



3b – Perfume Phryné.

Isadora Duncan (1878-1927), a bailarina dionisíaca, tornou-se o grande símbolo da melindrosa, tanto na dança na vida real. Ela tornou-se o arauto da libertação do corpo, tanto por seus movimentos como pela indumentária que utilizava em suas apresentações, nas quais aparecia vestida com túnicas transparentes e de pés descalços. Sua dança foi bem recebida na Europa, mas em sua terra natal, os Estados Unidos, era sempre motivo de escândalos. Os escândalos eram normais na vida artística e amorosa de Isadora. Teve vários romances e casamentos, sendo que o último, com o jovem poeta russo Serge Essenin, foi o mais problemático culminando com o suicídio do marido em 1925. Dois anos após Isadora morre estrangulada por sua encharpe que havia prendido na roda do carro que dirigia em alta velocidade.²⁸

Inspirados na nova mentalidade que surgia, o corpo feminino passou a ser usado nos anúncios dos mais variados produtos, tais como os de tintura para o cabelo da Loreal e do perfume Phryné, publicados

28 PORTINARI, Maribel. *História da Dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 137 e 138.

em almanaques locais destinados às famílias, evidenciando que a sociedade não se chocou diante da exposição da mulher nua, apesar dos padrões conservadores.

A propaganda do perfume Phryné remete a três símbolos ligados a sexualidade. O perfume já é por si um afrodisíaco utilizado pelas mulheres como complemento a sua sedução.

Frinéia foi uma hetaira grega, que posou como modelo para o escultor Praxiteles esculpir a estátua da deusa Afrodite. As hetairas eram as cortesãs da antiga Grécia, mulheres cultas e reconhecidas na sociedade e admiradas pelos filósofos e artistas. Símbolo da mulher bela e culta. Frinéia possuía o corpo mais perfeito comparado a deusa Afrodite, símbolo do amor carnal.²⁹ A utilização desses símbolos resgata a liberdade da mulher através do corpo.

Outro sinal da mudança da mentalidade foi assinalada pela publicação do romance de Victor Margerite, *Le Garçone* em 1922, foi considerado indecente, pois narrava excessos sexuais de uma aluna da Sorbone. A jovem usava cabelos curtos e somente roupas masculinas,³⁰ ao estilo de Jorge Sand, pseudônimo de Amandina Aurora Dupin (1804-1876), Baronesa de Dudevant, famosa romancista francesa.

O estilo garçone transformou-se no símbolo da mulher liberada e virou moda, inicialmente fez sucesso entre as feministas e após estendeu-se a outras mulheres. Marcou a difusão da androgenia.³¹ Andrógino é o ser que possui os dois sexos, unidos mas a ponto de ser separado, faz parte de uma figuração antropomórfica do ovo cósmico, sendo ao mesmo tempo o início e o fim.³²

A androgenia não era novidade, mas foi a partir do bailarino Vaslav Nijinsky (1790-1850), amante do empresário e homossexual assumido Serguei Diaghilev, que representou em suas coreografias a androgenia, unindo o feminino ao masculino. Tanto no ballet *L'Après-Midi d' un Faune* (A tarde de um Fauno), de 1912, como em *Le Sacre du Printemps* (Sagração da Primavera), de 1913. Em uma turnê pela América do Sul, na qual Diaghilev não acompanhou o elenco, Nijinsky casou-se com a bailarina Romola de Pulszky. Ao descobrir a traição do amante, Diaghilev o demite. O rompimento resultou no início da loucura de Nijinsky,

29 CHEVALIER, Jean & CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 43.

30 O'HARA, Georgina. *Enciclopédia da Moda*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 125.

31 Idem, p. 125.

32 CHEVALIER. Op. cit. p. 51 e 52.

vindo a morrer mais tarde em um sanatório de Londres. Em seu diário foram encontrados desenhos que o retratavam como uma borboleta e de Diaghilev com uma aranha.³³ Os dois ballets coreografados por Nijinsky abordam temas ligados à mitologia grega, ambos explorando a sexualidade. Em *L'Après-Midi d'un Faune*, mostra um fauno que após perseguir sem sucesso as ninfas, com as quais pretendia relacionar-se sexualmente, masturba-se para saciar seu desejo. Na *Le Sacre du Printemps*, mostra o culto em homenagem a Dionísio pela chegada da primavera salientando o caráter sexual do culto.

Dioniso, deus do vinho e da colheita, é o princípio e o senhor da fecundidade humana e animal, era também deus da liberação, da cartase e da exuberância.³⁴ Foi cultuado no período do Helenismo, sendo que sua origem era de um deus oriental, daí sua semelhança com o deus agrícola Osíris dos egípcios. Dioniso diferencia-se dos demais deuses por sua androgenia.

Jung trabalhou com o símbolo de Dioniso a partir da interpretação da obra *Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche. Conforme Jung, Nietzsche denomina seu par básico de opostos de apolíneo e dionisíaco. Apolo, deus de todas as forças plasmadoras de formas. É o controle e a limitação do todo selvagem. Em contrapartida o outro lado é definido como:

"O dionisíaco, porém, é a libertação do instinto sem limites, a irrupção do *dynamis* (força dinâmica) desenfreada de natureza animal e divina, por isso o homem aparece no coro dionisíaco como o sátiro, deus na parte superior de bode na inferior."³⁵

Portanto a androgenia passa a ser resgatada na década de 1910, como um símbolo de liberdade, marcando o início de uma mentalidade que passava a se afirmar.

A nova mentalidade impôs-se também na arte através dos movimentos de vanguarda, que lutaram contra o academicismo das artes e a favor da renovação dos valores artísticos. O Futurismo (1909), Expressionismo (1910), Cubismo (1913), Dadaísmo (1916) e Surrealismo (1924) mostraram um novo estilo da criação artística. A influência que os movimentos de vanguarda europeus tiveram na produção artística brasileira culminaram na Semana de Arte Moderna de 1922.³⁶

33 PORTINARI. Op. cit. p. 115 a 124.

34 CHEVALIER. Op. cit. p. 340.

35 JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 140.

36 HELENA, Lúcia. *Modernismo Brasileiro e Vanguarda*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1989, p. 6, 45 e 47.

O lança perfume
ALICE
é sempre o preferido.
MEJAN EN TODA A PARTE

VENDIDA NAS SELOUETES CASAS
SRI. JOSE BRAGA, Duarte, R. C.
Luis Pereira & C. Alamo Castro & C.
Luis de Jesus, R. S. - Santa Helena
R. S. - Santa Helena & C. - Santa Helena
R. S. - Santa Helena & C. - Santa Helena

Vende-se por atacado
de Crisólides &
S. J. para
CARNIVAL

Francisco
Carneiro
& C.
R. S. P. 36

4 – Propaganda de lança-perfume.

Alguns participantes deste grupo se identificam com a mentalidade da androgenia como Mário de Andrade e Cecília Meireles. (Conforme entrevista de Dante de Laytano a Moacyr Flores)

A moral conservadora tenta combater a nova mentalidade que chegara ao Brasil e rapidamente ao Rio Grande do Sul. A primeira a posicionar-se contra, foi a Igreja Católica através da conferência sobre a moda de Quinota Vianna Ruschel, promovida pelas Filhas de Maria da Congregação Imaculada Conceição, em 1924. Quinota argumentava que era preciso combater a perniciosa moda que tentava destruir com os

nobres valores morais, evitando que a má influência alterasse a energia psíquica e física das gerações atuais e futuras."

A autora posicionara-se contra a moda que explora a sexualidade extremada da mulher, ou seja o símbolo de Caroline se sobrepõe ao de Clotilde, pois cada vez mais os anúncios giram em torno da mulher leviana. Comenta sobre o uso excessivo de maquiagem, resultante como vimos, de uma grande campanha da indústria de cosméticos e do cinema.

A propaganda de produtos para embelezar os seios tornara-se mais "agressiva" aos olhos moralistas. Os anúncios destes produtos anteriormente mostravam a mulher com um insinuante decote e com a exposição do corpo feminino, os seios passaram a ser mostrados.

O apelo erótico também era mais evidente nos anúncios. Nos de lança-perfume, a Colombina envolve-se languidamente nos braços do Pierrô. Esse ao abraçá-la toca seu seio desnudo. O lança-perfume era usado nos bailes de carnaval, criado a partir dos rituais e festejos de Dioniso, e o apelo da propaganda mostra o lado dionisíaco que aflora nessas festas, onde são esquecidas as convenções sociais.

Através dos anúncios percebesse que a nova mentalidade deixou aflorar a sexualidade combatida pelos conservadores, revelando que ela sempre existiu, mesmo nos momentos que o discurso conservador estava em seus auge, pois como afirmamos anteriormente o discurso positivista, produzido por uma elite intelectual governante, era um agente da sociedade ditando regras de conduta moral usando símbolos que eram comuns a uma mentalidade conservadora, mas em hipótese alguma esse discurso era o reflexo da totalidade da sociedade.

Conforme comprovamos, a sexualidade feminina não foi castrada na totalidade das mulheres. A moda e os anúncios de produtos de beleza, em almanaques e revistas dirigidas às famílias, são indicadores da existência de uma sexualidade latente e que era assumida por homens e mulheres, evidenciando cada vez mais que o discurso imposto não era seguido por uma parcela significativa da sociedade.

O Positivismo propiciou o achatamento da educação da mulher, sofreu enormemente, pois como comprovamos, foi bastante inexpressiva a produção intelectual feminina na República Velha, as mulheres limitaram-se ao seu lugar secundário e ao seu título de bibelô, tendo como seu modelo de conduta a *rainha do lar* e o *anjo tutelar*.

O Positivismo foi adotado para organizar a política e a sociedade republicana, em contraposição com a decadente e corrupta monarquia, mas mostrou-se suscetível às falhas resultante das fraudes eleitorais ocorridas no governo de Castilhos e de Borges. Ao seguir a norma de "Conservar Melhorando", o Positivismo não deu respostas as mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorreram na sociedade.

Assim como a doutrina positivista não foi gerada internamente, vieram também de fora as mudanças ocorridas na educação e no trabalho feminino entrando em choque com a inércia dos conservadores.